

## **Estratégias políticas no contexto da imigração e colonização (Rio Grande do Sul – século XIX)**

Marcos Antônio Witt\*

*Reconstruir uma história de família com base em documentos pouco discursivos, como compras, vendas e testamentos, exerce um fascínio semelhante ao de um quebra-cabeça. As coerências e os encaixes, que aos poucos vão sendo encontrados, causam uma satisfação que talvez não seja automaticamente transmitida ao leitor. De qualquer forma, graças a estes pequenos acontecimentos familiares, é possível observar aspectos relevantes da lógica social que operou sob o [Rio Grande do Sul do século XIX]. (LEVI, 2000:104).*

**Resumo:** Relativizando a afirmação de que imigrantes alemães e descendentes deixaram de participar da política brasileira, tem-se como objetivo apresentar as estratégias políticas usadas por este grupo para ocupar espaço político-social na sociedade hospedeira. Para tal, a união das parentelas Diefenthaler e Voges foi usada como estudo de caso. O marco espacial tem como recorte o “mega-espaço” São Leopoldo – Litoral Norte do Rio Grande do Sul e o temporal, o século XIX.

**Palavras-chave:** Estratégias políticas, Imigração alemã, Rio Grande do Sul

**Abstract:** In relation to the affirmation that the German immigrants and their descendants gave up taking part in the Brazilian political affairs, the objective is to present the political strategies used by this group to occupy the social and political scene in the host society. For that the union of the families Diefenthaler and Voges were used as an object of study. The milestone territorial has as its choice the “mega-territory São Leopoldo- North Coast of Rio Grande do Sul and the XIX century as the time frame.

**Key- words:** Political strategies, German immigration, Rio Grande do Sul

Por muito tempo, acreditou-se na versão de que os imigrantes alemães e seus descendentes estiveram alijados da política brasileira. Se participaram, isso aconteceu somente no final do século XIX e com raras *figuras*. Pode-se deduzir da leitura de parte da historiografia clássica da imigração alemã que o espírito “ordeiro” e “disciplinado” dos alemães os afastou da política, mantendo-os em permanente estado de labuta. Hoje, após algumas releituras, sabe-se que o universo colonial foi bem mais complexo e dinâmico. Parece já haver consenso de que imigrantes e descendentes inseriram-se nas lutas sociais do dia-a-dia. O conceito de política, neste caso, extrapola a noção restrita de “partidária” e alcança níveis mais abrangentes, como a atuação social de um indivíduo ou de um grupo. Essa

---

\* Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS; historiador do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo; associado ao Instituto Histórico de São Leopoldo.

noção tem como referência o pensamento de Bobbio, Remond e Weber. Durante a pesquisa e posterior escrita da Dissertação de Mestrado, tentei demonstrar que os colonos alemães participaram ativamente da política. No trabalho seguinte, o qual deu origem à Tese de Doutorado, foi a vez de tentar demonstrar como esses imigrantes e descendentes conseguiram lutar por seus direitos, reivindicar e ocupar espaços político-sociais imprescindíveis para a manutenção do grupo. As considerações apresentadas neste texto têm como base o livro *Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas*, cujo conteúdo reproduz na íntegra o que foi desenvolvido na Tese.

Para responder às questões norteadoras, foi preciso delimitar um espaço que representasse a área de circulação das famílias pesquisadas. O fruto deste exercício foi a criação do “mega-espaço São Leopoldo – Litoral Norte do Rio Grande do Sul” (mega-espaço SL-LNRS), o qual tem como ponto de partida a Colônia-Mãe<sup>1</sup>, São Leopoldo, estendendo-se de Porto Alegre até a subida da serra, ao norte, junto aos atuais municípios de Ivoti e Dois Irmãos, compreendendo, ainda, as cidades que vão de Novo Hamburgo a Taquara, a leste, incluindo todo o LNRS, parte da região de Cima da Serra, mais a cidade de Taquari. Por sua vez, a categoria de tempo ficou limitada ao século XIX, mais precisamente ao período de 1824 a 1893. Para se dar conta do que foi proposto, optei por *perseguir* a trajetória das famílias Diefenthaler e Voges, as quais circularam por todas as cidades que compõem o mega-espaço SL-LNRS. Os porquês de se pesquisar e escrever sobre esses dois núcleos estão ligados a sua capacidade de proporcionar respostas para as questões que foram levantadas ao longo de todo o trabalho.

A história dessas duas famílias no Brasil remonta ao ano de 1824. Integrantes desses núcleos passaram a conviver após o casamento de Carlos Leopoldo Voges e Elisabeth Diefenthaler, em 24 de março de 1828. A trajetória do casal e seu envolvimento com os demais membros da família Diefenthaler serviram como estudo de caso. O que fizeram como pessoas e empresários da época permitiu que se chegasse à conclusão de que os imigrantes e seus descendentes desenvolveram estratégias políticas no Rio Grande do Sul do século XIX. E a quais atividades esse grupo se dedicou? A primeira delas foi o pastorado, profissão original de Carlos Leopoldo Voges. O primeiro capítulo do livro (WITT: 2008) discorre sobre sua atuação profissional, analisando como disputou a vaga de pastor titular para São Leopoldo

---

<sup>1</sup> Quando escrito com a inicial em maiúsculo, o termo “Colônia” designa o empreendimento agrícola onde colonos foram assentados, o qual, com o tempo, foi elevado à categoria de vila e cidade. Por sua vez, quando for redigido com a inicial em minúsculo, “colônia” terá seu significado vinculado à propriedade territorial recebida pelo imigrante onde morou, trabalhou e retirou sua subsistência. Dessa forma, a Colônia era dividida em muitas colônias.

e como se instalou, resignado e definitivamente, na Colônia alemã de Três Forquilhas. O primeiro capital acumulado por Voges foi o simbólico, ou imaterial, *bagagem* que lhe conferiu autoridade e reconhecimento por parte da maioria dos colonos. Paralelo ao pastorado, Voges dedicou-se ao comércio, abrindo uma venda (estabelecimento comercial) junto a sua casa e ao lado da igreja. O fato de atuar também como comerciante lhe valeu duras críticas por parte de seus colegas religiosos, principalmente após a sua morte.

A inserção de Voges na atividade comercial está relacionada à família de sua esposa. O padrao de Elisabeth fora comerciante em Novo Hamburgo e deve ter colaborado com o genro para que pudesse abrir sua venda em Três Forquilhas. Experiência e aporte econômico dos Diefenthäler permitiram que Voges se tornasse um dos maiores comerciantes do LNRS e de Cima da Serra. Para dar suporte à venda, três famílias uniram-se para viabilizar o escoamento de produtos agrícolas e mercadorias não produzidas nas Colônias: Voges, Diehl e Dreher tornaram-se sócios na navegação lacustre e fluvial, dominando o vai-e-vem de embarcações através das lagoas do LNRS, do rio dos Sinos e do Guaíba. O investimento em transportes estabeleceu e solidificou fortes vínculos entre os núcleos, *cristalizados* na forma de apadrinhamentos e casamentos. Portanto, laços econômicos foram perpassados por laços afetivos.

Enquanto Voges se dedicava ao comércio e à navegação, seu cunhado, Jacob Diefenthäler, havia se tornado sócio de João Schmitt na compra e venda de terras que daria origem à Colônia do Mundo Novo, hoje a cidade de Taquara. O empreendimento de colonização particular iniciado por Tristão José Monteiro, também sócio de João Schmitt, prosperou, mas também foi alvo de inúmeras questões judiciais, nas quais se envolveram Monteiro, Schmitt e Diefenthäler. Da mesma forma, Carlos Frederico Voges, filho do pastor Voges e vendeiro em Taquari, adquiriu terras para serem comercializadas. Sendo homens do seu tempo, todos os membros das parentelas Diefenthäler e Voges tornaram-se proprietários de escravos. O tema escravidão mais do que tangencia minhas pesquisas: estabelecer relação entre escravidão e imigração permitiu novas leituras sobre o tema e colaborou para relativizar a falsa afirmação de que colonos alemães não foram proprietários de escravos. Além das escrituras de compra e venda e dos inventários, os registros de batismo realizados por pastores protestantes *denunciam* que imigrantes adquiriram esse tipo de mão-de-obra e que a mantiveram em suas propriedades agrícolas e comerciais e em suas casas.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Esta afirmação tem como fundamento os trabalhos de Magda Gans, Roland Spliesgart e Marcos Justo Tramontini. De certa forma, incluo-me neste grupo, pois durante o Trabalho de Conclusão do curso de História (UNISINOS, 1998) e em pesquisas posteriores deparei-me com imigrantes alemães e descendentes

Em se tratando de investimentos, os cunhados de Voges, Jacob e Peter Diefenthäler, radicados em Novo Hamburgo e nos arredores de Bom Jardim (hoje, Ivoti), vislumbraram a possibilidade de crescimento através da chegada do trem. Ambos compraram ações da companhia ferroviária, demonstrando que estavam atentos às mudanças que poderiam advir com o ingresso de novas tecnologias de transporte. No entanto, mesmo que tenham se dedicado ao pastorado, ao comércio, à navegação, à compra e venda de terras, à posse de escravos, à aquisição de ações da companhia ferroviária, todos investiram na agricultura, mantendo-se, igualmente, na condição de colonos. Tanto em São Leopoldo ou no LNRS, Voges e seus cunhados adquiriram novas colônias, o que lhes permitiu plantar em maior escala e obter colheitas mais satisfatórias. Para processar os grãos, fabricar farinha de mandioca e destilar aguardente, também construíram moinhos, atafonas e alambiques. Além das inúmeras atividades econômicas às quais se dedicaram, o modo de agir destes agentes históricos foi levado em consideração e *desnuda* a capacidade de interagir com autoridades locais e de tentar solucionar questões pertinentes ao cotidiano.

A fim de enriquecer e problematizar o que estava sendo discutido, outras parentelas foram incorporadas ao trabalho. Raupp, de Torres, por exemplo, reforçou o caráter multifacético e multieconômico dos colonos “exponenciais”.<sup>3</sup> Entretanto, a *espinha dorsal* continuou sendo a união das famílias Diefenthäler e Voges, centrada na figura do pastor Carlos Leopoldo Voges. Embora não se trate de biografia, aspectos biográficos constituíram-se em elementos-chave para a resolução dos problemas para os quais se buscavam respostas. Dito de outra maneira, tentar reconstituir a rede de relações que os colonos alemães estabeleceram entre si, mas também com os nacionais, é uma questão de metodologia. Em vez de se pesquisar e escrever somente sobre São Leopoldo ou Três Forquilhas, pode-se buscar semelhanças e diferenças entre esses dois núcleos; ou, então, seguir os passos de determinados agentes históricos para saber se houve – e quais foram – os elos de ligação entre a Colônia-Mãe e suas filhas e netas. Quem sabe se poderá reproduzir as palavras de Levi: “as

---

que se tornaram proprietários de escravos. Em todos os casos analisados, os colonos que utilizaram mão-de-obra cativa tinham o objetivo de inserir-se na sociedade luso-brasileira como um “exponencial”, isto é, como alguém que conquistara lugar de destaque na economia e na política.

<sup>3</sup> O conceito de “exponencial” foi cunhado em minha Dissertação para designar os colonos alemães que se destacaram no plano sócio-econômico-político. Como não faziam parte da elite que se originou da imigração e colonização açoriana e portuguesa, optou-se por conceituá-los desta forma. Os “exponenciais” identificados e analisados neste trabalho tampouco integram a elite alemã intelectual e/ou de grande destaque econômico, como o jornalista e político von Koseritz. Ao contrário, são personagens de uma camada média que negociava interesses próprios, entremeados com as solicitações dos que estavam socialmente *abaixo*, com a elite culta e *rica* tanto nacional, quanto alemã. Neste caso, adaptou-se a conotação cultural para a sócio-econômico-político. Ver: WITT, Marcos Antônio. *Política no Litoral Norte do Rio Grande do Sul: a participação de nacionais e de colonos alemães – 1840-1889*. São Leopoldo, 2001. Dissertação [Mestrado]. História da América Latina. Programa de Pós-Graduação em História – UNISINOS, 2001.

relações eram evidentemente provenientes da consangüinidade e das alianças” (LEVI, op. cit., p. 104.), ou seja, o mundo familiar extrapolava a circunscrição imposta pelo sangue.

Em relação aos “exponenciais”, tornou-se evidente que algo mais foi transmitido às gerações futuras. Além do material, valores, sentimentos, subjetividades perpassaram a vida desses agentes históricos do século XIX. Levi aposta na segurança oferecida pela função de pároco e no que isso representa para a comunidade, quando se depara com o sentimento de auto-suficiência de seu personagem. Neste caso, o autor observou que o pai de Chiesa, cujo trabalho se assemelha hoje ao de um escrivão, preocupou-se em transmitir sua mais valiosa herança – a imaterial – para o filho, encorajando-o e encaminhando-o para a vida sacerdotal. Sobre esse dilema, o autor escreveu: “como conservar e transmitir a seu filho Giovan Battista aquilo em que ele mais confiava, a herança imaterial de sua posição? Fez dele um padre, pároco e vigário da mesma comunidade”. (LEVI, 2000:197.). Neste caso, a comparação com Voges torna-se inevitável. Como imigrante, chegou ao Brasil supostamente já ordenado e apto para exercer a função de pastor protestante. Contudo, percebeu que seria vital transmitir seu poder de influência às gerações futuras, herança recaída sobre os ombros do filho Adolpho Felipe e do neto Carlos Frederico Sobrinho. Embora não tenham se tornado pastores, ocuparam-se da política, campo igualmente favorável para o exercício da representação. Neste espaço, mediado por “prestígio, mediações, clientelismo e compromissos” (LEVI, 2000:197.), puderam dar continuidade ao *reinado* iniciado por Carlos Leopoldo Voges em 1826. Toda a estrutura montada pelo pastor ao longo do século XIX serviu para que filho e neto despontassem no cenário litorâneo como líderes “exponenciais”.

Portanto, as *vias de acesso* e os *pilares de sustentação* que proporcionaram crescimento econômico e inserção política dos imigrantes e de seus descendentes passaram pelo imaterial, visível no caso de Voges, e pela diversificação da economia, exercício vital para que estivessem presentes em diversos setores da sociedade a qual desejavam adentrar e marcar presença. A condição específica de pastor garantiu a Voges a construção de um mundo simbólico (ou imaterial) via palavra, no qual a verbalização das ideias ganhava outra dimensão além da humana ou terrestre. O espaço por onde circulou foi sensivelmente maior do que o percorrido pela maioria dos colonos, afinal, o *métier* da profissão exigia o frequente deslocamento para atender a seus fiéis. Com isso, fazia novas amizades e reforçava as antigas; ficava sabendo das novidades, muitas vezes proferidas em tom confessional; era comunicado sobre a mudança de uma família para outra Colônia e que suas terras haviam sido colocadas à venda; por ser líder e ter um pouco mais de estudo, representava parte do seu rebanho junto às autoridades, sem esquecer que em inúmeras situações também se indispôs com membros de

suas igrejas. De qualquer forma, sendo respeitado ou rejeitado, era identificado nas ruas, Picadas ou Colônias por onde passava como o pastor fulano de tal. A renovação desse reconhecimento público garantia a manutenção do título e ratificava a posição social que ocupava. Situação semelhante foi estudada por Spliesgart, o qual chegou à conclusão de que o pastor Sauerbronn foi importante para a administração da Colônia de Nova Friburgo, RJ, uma vez que era o porta-voz dos colonos e que fazia traduções para o governo. Ao atender as duas partes, tornou-se, informalmente, um tipo de funcionário administrativo do império, o qual ajudava o governo a controlar a Colônia, mas também era controlado por ele. De acordo com Spliesgart, Sauerbronn viveu esse embate até o final de sua vida: por um lado, dispunha de capital simbólico para negociar com o governo imperial; de outro, era tão miserável quanto a maioria dos colonos. (SPLIESGART, 2006:196-198.)

Porém, para aqueles que não dispunham de forte capital simbólico, a diversificação da economia garantiu-lhes o acesso a vários setores da sociedade. Cristalizou-se uma diferença nítida entre aqueles que mantiveram suas colônias, mas também investiram na pecuária, no mercado imobiliário, no comércio, no transporte de mercadorias, e os que terminaram suas vidas apenas na condição de agricultor ou colono. O mundo colonial parecia ilimitado para os “exponenciais”; as instâncias a que tiveram acesso permitiram o diálogo com advogados (procuradores), juízes, funcionários do banco da província ou da companhia da viação férrea, professores, entre outros que ocupavam pequenos e médios cargos na administração da Colônia ou da província. Como objetivo primeiro – e que praticamente obrigava os “exponenciais” a dialogar com essas autoridades – estava a busca incessante por um lugar de destaque nessa sociedade que os via, de modo geral, como estrangeiros. Os agentes históricos analisados no transcorrer da Tese demonstraram que as limitações étnico-culturais não foram suficientes para barrar o crescimento econômico e a inserção política que tanto ansiavam. Pode-se afirmar que não ficaram isolados em nenhum sentido: nem geograficamente, nem socialmente, muito menos, politicamente.

A concretização de determinados objetivos exigiu organização dos “exponenciais”. Mas não somente deles. Quando homens recorriam à bebida para aplacar a saudade e a mágoa, ou, então, potencializar a indignação com promessas não cumpridas, e estes mesmos homens saíam às ruas em aparente estado de rebeldia, eles estavam manifestando, publicamente, o descontentamento de um grupo que não podia fazer muito mais do que isso. Tramontini talvez tenha sido o primeiro a perceber que a organização social dos imigrantes também passou pela *desordem*, considerada até então uma mancha na imagem dos *pioneiros*. Contudo, houve conflitos de maior grau: cartas e documentos escritos a próprio punho com

caráter denunciativo, ações jurídicas, xingamentos, brigas e tentativa de assassinato somaram-se à *baderna* ocasionada por colonos alcoolizados. No fim de tudo, objetivava-se uma vida melhor: a garantia da sobrevivência, o respeito das autoridades e a conquista de um espaço mais visível e permanente na sociedade nacional.

Em se tratando de uma Tese, pretendeu-se, como resultado final e contribuição inovadora a ser defendida: a) relativizar a tese do isolamento, demonstrando que estradas às vezes intransitáveis não constituíram empecilho para a comunicação, principalmente quando se visava à articulação política e à conquista de cargos públicos; b) propor a análise do cotidiano e a costura das relações estabelecidas pelos colonos como metodologia para o estudo da imigração, isto é, avançar do micro-espaço (a Colônia de São Leopoldo) para o mega-espaço (como a Colônia de São Leopoldo se relacionou com outros núcleos de imigrantes/migrantes, por exemplo); c) e indicar as *vias de acesso* e os *pilares de sustentação* que proporcionaram crescimento econômico e inserção política dos imigrantes alemães e descendentes. No conjunto, quis-se demonstrar que colonos “exponenciais” circulavam pelo mega-espaço SL-LNRS com o firme propósito de estabelecer alianças – matrimoniais e econômicas –, com o intuito de ocupar lugar de destaque na sociedade nacional.

## **Bibliografia**

- BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1986.
- GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, Anpuh/RS, 2004.
- HUNSCHE, Carlos Henrique. *O biênio 1824/25 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. 2.ed. Porto Alegre: A Nação, 1975.
- HUNSCHE, Carlos Henrique. *O ano 1826 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Metrópole, 1977.
- RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, FGV, 1996, p. 13-36.
- SPLIESGART, Roland. *“Verbrasilianerung” und Akkulturation*. Deutsche Protestanten im brasilianischen Kaiserreich am Beispiel der Gemeinden in Rio de Janeiro und Minas Gerais (1822-1889). Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2006.
- TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização social dos imigrantes: a colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850)*. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.

WEBER, Max. *O político e o cientista*. Lisboa: Presença, 1979.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: UNB, 1994, v.1.

WITT, Marcos Antônio. *Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas (Imigração alemã - Rio Grande do Sul – século XIX)*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

\_\_\_\_\_. *Política no Litoral Norte do Rio Grande do Sul: a participação de nacionais e de colonos alemães – 1840-1889*. São Leopoldo, 2001. Dissertação [Mestrado]. História da América Latina. Programa de Pós-Graduação em História – UNISINOS, 2001.

\_\_\_\_\_. *Os escravos no Vale do Três Forquilhas*. São Leopoldo, 1998. Trabalho de Conclusão. Licenciatura Plena em História – UNISINOS, 1998.